

**O DIVINO ESPÍRITO SANTO D'AQUÉM E D'ALÉM MAR:
estudo terminológico**

Maria de Fátima Sopas ROCHA¹

RESUMO

Neste trabalho apresenta-se um recorte da tese de Doutorado em Linguística, em elaboração, cuja proposta é a comparação da Terminologia da Festa do Divino Espírito Santo nos Açores e no Maranhão, destacando-se os termos que descrevem e identificam os personagens que compõem o Império e/ou desempenham funções e os que se referem às etapas da festa. Pretende-se, assim realizar estudos comparados dos termos da festa, levando em conta aspectos diatópicos e diacrônicos. A origem da Festa do Divino data dos séculos XIII a XIV, em Alenquer, de onde se expandiu para outras localidades em Portugal Continental e posteriormente para os Açores, até chegar ao Brasil como aos Estados Unidos e ao Canadá. A Festa do Divino chegou ao Maranhão, ao que tudo indica, trazida por emigrantes açorianos e é, atualmente, parte de um conjunto de rituais do catolicismo popular, realizada em todo o Estado, principalmente em São Luís e Alcântara. As Festas nos Açores e no Maranhão mantêm muitos pontos em comum, no que diz respeito ao ritual e à essência da festa. Este trabalho fundamenta-se teoricamente na Terminologia, que se ocupa das chamadas línguas de especialidade ou tecnoletos e, mais especificamente, na Socioterminologia, evidenciando a relação que a Terminologia estabelece com a Sociolinguística, uma vez que se propõe estudar as variações dos modos de designar peculiares a cada um dos espaços geográficos em que ocorrem as Festas do Divino, numa perspectiva diatópica. Este trabalho insere-se na linha de trabalhos e pesquisas de cunho léxico-semântico realizados pelo Projeto de Pesquisa Atlas Linguístico do Maranhão – ALiMA, subsidiário do projeto Atlas Linguístico do Brasil – ALiB.

PALAVRAS-CHAVE: Lexicologia; Terminologia; Socioterminologia; Festa do Divino Espírito Santo.

O presente trabalho tem como proposta comparar termos utilizados na Festa do Divino Espírito Santo ou Festa do Divino, como é mais popularmente conhecida, nos Açores e no Maranhão – mais precisamente em São Luís e Alcântara – apresentando uma amostra da pesquisa que se encontra em curso e que se inscreve na vertente Manifestações Culturais de Raízes Africanas, do Projeto Atlas Linguístico do Maranhão

¹ Universidade Federal do Maranhão; Centro de Ciências Humanas; Departamento de Letras. Av. dos Portugueses, s/n CEP – 65080-040, São Luís-MA, Brasil. fsopas@yahoo.com.br

Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas

(Eds.) M^a João Marçalo & M^a Célia Lima-Hernandes, Elisa Esteves, M^a do Céu Fonseca, Olga Gonçalves, Ana Luísa Vilela, Ana Alexandra Silva © Copyright 2010 by Universidade de Évora ISBN: 978-972-99292-4-3

SLG 44 – Geolinguística sem fronteiras, juntando culturas

– AliMA. Neste trabalho, apresenta-se um recorte da referida pesquisa que está sendo feita para elaboração de tese de Doutorado em Linguística, destacando-se alguns dos termos que descrevem e identificam os personagens que compõem o Império e/ou desempenham funções que se referem às etapas da festa. Pretende-se, assim, realizar estudos comparados dos termos da festa, levando em conta aspectos diatópicos e diacrônicos.

Dois aspectos fundamentais foram levados em conta para a escolha do tema:

(i) a importância da Festa do Divino, tanto no arquipélago dos Açores como em todo o Estado do Maranhão e (ii) a escassez, ao que se sabe, de estudos linguísticos sobre o assunto. Do Maranhão, conhece-se apenas o glossário da festa, elaborado como dissertação de mestrado, e dos Açores, apenas um roteiro lexical. Em razão da inviabilidade do estudo de todas as festas realizadas no Estado e no Arquipélago, dado o número elevado de comunidades que a realizam, optou-se por selecionar, no Maranhão, duas das mais tradicionais, a de Alcântara e a de São Luís, que apresentam, apesar da proximidade geográfica dos municípios, diferenças marcantes. Dos Açores contou-se com a descrição da festa na ilha de Santa Maria, feita por João Leal (1994). Privilegiou-se a pesquisa documental, embora tenha sido possível fazer observação da festa em várias oportunidades e localidades.

A festa do Divino Espírito Santo é parte de um conjunto de rituais do catolicismo popular, com proporções, nas localidades selecionadas, que a destacam das outras comemorações de cunho religioso e popular. É, essencialmente, uma festa de pagamento de promessas, uma festa de doação, não só dos alimentos distribuídos, mas do tempo utilizado na preparação da festa, na decoração das casas e ruas, na confecção desses alimentos, oferendas tradicionais.

Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas

(Eds.) M^a João Marçalo & M^a Célia Lima-Hernandes, Elisa Esteves, M^a do Céu Fonseca, Olga Gonçalves, Ana Luísa Vilela, Ana Alexandra Silva © Copyright 2010 by Universidade de Évora ISBN: 978-972-99292-4-3

SLG 44 – Geolinguística sem fronteiras, juntando culturas

Em São Luís, a festa é realizada principalmente pelos terreiros da cidade, também como forma de pagamento de promessas ou como uma festa de obrigação, em atendimento a determinação ou pedido de um vodum². A influência africana no ritual da festa – tanto em São Luís como em Alcântara – é facilmente perceptível, sendo sua marca mais evidente a presença do ritmo dos toques das caixas, instrumentos de percussão que, acompanhando os cânticos entoados pelas caixeiras, conduzem o ritual.

No arquipélago dos Açores, um conjunto de nove ilhas vulcânicas no Oceano Atlântico, mantém-se, até hoje, a tradição da Festa do Divino Espírito Santo que, no entanto, teve origem no continente. Acredita-se que contingências como o relativo isolamento em que o arquipélago se manteve por muito tempo, dificuldades e catástrofes naturais a que as ilhas sempre estiveram expostas – terremotos, erupções vulcânicas e surtos de peste – contribuíram para que a tradição fosse mantida.

Mendes (2006) registra que a tradição de coroação de um imperador, escolhido entre membros do povo, tanto quanto a da doação de alimentos aos necessitados, em tempos de penúria, bases da Festa do Divino, fundamentam-se em tradições europeias anteriores, históricas ou lendárias.

Em Portugal, a origem da Festa do Divino é atribuída a Santa Isabel, rainha de Portugal no período compreendido entre os séculos XIII e XIV, que mandou edificar uma igreja do Espírito Santo na vila de Alenquer, possivelmente em 1296. Aí foi erigida uma confraria em louvor do Espírito Santo e, nesse mesmo ano, foi realizada a primeira solenidade de coroação do imperador do Divino.

² - divindade em jeje que corresponde a orixá em nagô. [...] São considerados como intercessores entre Evvodum, o Deus superior e os homens. Incorporam-se durante o transe nas vodunsi ou filhas-de-santo. (FERRETTI, 1985, p. 303).

Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas

(Eds.) M^a João Marçalo & M^a Célia Lima-Hernandes, Elisa Esteves, M^a do Céu Fonseca, Olga Gonçalves, Ana Luísa Vilela, Ana Alexandra Silva © Copyright 2010 by Universidade de Évora ISBN: 978-972-99292-4-3

SLG 44 – Geolinguística sem fronteiras, juntando culturas

De Alenquer, a festa expandiu-se para outras localidades em Portugal Continental e posteriormente para os Açores, onde há registros de sua presença no século XVI. Dos Açores foi levada por emigrantes não só ao Brasil como aos Estados Unidos e ao Canadá.

A Festa do Divino chegou ao Maranhão, ao que tudo indica, trazida por emigrantes açorianos. Há registros da chegada, no século XVIII, de mais de 200 “casais” ou famílias oriundos dos Açores e estimulados a estabelecer-se no Maranhão em troca de terras em que pudessem cultivar arroz, cana-de-açúcar e outros produtos exportáveis para o continente europeu (cf. ROCHA, 2007).

As Festas nos Açores e no Maranhão mantêm muitos pontos em comum, no que diz respeito ao ritual e à essência da festa, realizada como pagamento de promessas e concretizada por atos de doação.

A importância da Festa pode ser avaliada pelo atrativo turístico que representa, mas, principalmente, pela importância para as comunidades que a realizam, sejam estas entendidas como comunidades que ocupam um mesmo espaço geográfico ou como as que mantêm interesses comuns, como é o caso dos terreiros em São Luís. Esta importância revela-se, também, pela frequência com que a Festa tem sido objeto de estudos etnográficos, antropológicos e sociológicos que resultaram em teses, dissertações e monografias.

Os estudos já realizados evidenciam as relações estreitas entre a língua/gem e cultura, sempre reafirmadas. A natureza dessas relações, entretanto, nem sempre congrega opiniões. Câmara Júnior afirma que

1. A língua é parte da cultura; 2. É, porém, parte autônoma, que se opõe ao resto da cultura; 3. Explica-se até certo ponto pela cultura e

Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas

(Eds.) M^o João Marçalo & M^a Célia Lima-Hernandes, Elisa Esteves, M^o do Céu Fonseca, Olga Gonçalves, Ana Luísa Vilela, Ana Alexandra Silva © Copyright 2010 by Universidade de Évora ISBN: 978-972-99292-4-3

SLG 44 – Geolinguística sem fronteiras, juntando culturas

até certo ponto explica a cultura; 4. Tem não obstante uma individualidade própria, que deve ser estudada em si. 5. Apresenta um progresso que é seu reajustamento incessante com a cultura. 6. É uma estrutura cultural modelo, que nos permite ver a estrutura menos nítida, imanente em outros aspectos da cultura. (2004, p. 293).

Lévi-Strauss comenta as complexas relações entre língua e cultura, ampliando-as e lembrando que é possível, também,

[...] tratar a linguagem como um *produto* da cultura: uma língua, em uso numa sociedade, reflete a cultura geral de uma população. Mas num outro sentido, a linguagem é *parte* da cultura: constitui um de seus elementos, dentre outros. [...] a cultura é um conjunto complexo que compreende as ferramentas, as instituições, as crenças, os costumes e também, bem entendido, a língua. (1975, p. 86).

Para Vilela (2002), a língua, criação coletiva, é ao mesmo tempo produto e veículo da cultura de um povo, representando a sua forma original e própria de ver o mundo e possibilitando-lhe transmitir essa visão da realidade. “A língua é a mediadora entre a identidade de uma cultura e a sua alteridade. Pela sua própria natureza a língua é idêntica a todas as línguas e é diferente de todas as outras línguas” (VILELA, 2002, p. 372).

A necessidade da comunicação, associada à limitada dominação da língua, determina escolhas, relegando a um segundo momento a aquisição e o domínio de estruturas complexas e centrando o esforço de comunicação na nomeação do mundo que cerca os usuários da língua. Posteriormente, as escolhas lexicais serão reveladoras dos valores que cultuam, das influências sofridas, da história pessoal e coletiva.

Avanços e recuos civilizacionais, descobertas e inventos, encontros entre povos e culturas, mitos e crenças, afinal quase tudo, antes de passar para a língua e para a cultura dos povos, tem um nome e esse nome faz parte do léxico. O léxico é o repositório do saber linguístico e é ainda a janela através da qual um povo vê o mundo. Um saber partilhado que apenas existe na consciência dos falantes duma comunidade. (VILELA, 1994, p. 6).

Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas

(Eds.) M^a João Marçalo & M^a Célia Lima-Hernandes, Elisa Esteves, M^a do Céu Fonseca, Olga Gonçalves, Ana Luísa Vilela, Ana Alexandra Silva © Copyright 2010 by Universidade de Évora ISBN: 978-972-99292-4-3

SLG 44 – Geolinguística sem fronteiras, juntando culturas

Muitas vezes essas escolhas serão consideradas marcas pessoais do discurso ou do estilo literário de um autor, mas podem, também, revelar origens, processos migratórios mais marcantes, antiguidade, tipos de atividades, influências políticas e religiosas, entre outras possibilidades. Realizar estudos do léxico de uma atividade cultural em comunidades que falam a mesma língua/gem, mas que ocupam espaços diferentes pode revelar também a influência de fatores de natureza geográfica, sociocultural e histórica sobre as escolhas lexicais.

Segundo Vilela, para

[...] encontrar a memória genuína de um povo só podemos procurá-la na língua. Por exemplo, as normas morais e éticas, as normas de comportamento, as rotinas de representação e de vivências espelham-se nos seus provérbios, nas suas expressões idiomáticas, nas suas anedotas, nos seus jeitos de categorizar o mundo(;) [...] (2002, p. 373).

Por se tratar de um sistema aberto, o léxico permite uma visão dos valores, crenças, hábitos e costumes de uma comunidade, como afirmam Oliveira e Isquierdo (2001, p. 9). Além disso, ainda em decorrência de sua característica de sistema aberto, possibilita acompanhar a evolução da língua/gem em seus aspectos diastráticos, diatópicos e diacrônicos.

Dos estudos linguísticos sobre o léxico, destacam-se aqueles de natureza terminológica, que se ocupam de subconjuntos do léxico, para áreas específicas do conhecimento humano. Ciência relativamente nova, surgida em razão das necessidades criadas pelo avanço das novas tecnologias e do progresso e especialização das ciências, bem como do desejo de normalização e unificação do modo de designar conceitos específicos de cada uma das diferentes áreas de conhecimento, a Terminologia, entendida como “um subconjunto especializado do léxico de uma língua, a saber, cada

Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas

(Eds.) M^a João Marçalo & M^a Célia Lima-Hernandes, Elisa Esteves, M^a do Céu Fonseca, Olga Gonçalves, Ana Luísa Vilela, Ana Alexandra Silva © Copyright 2010 by Universidade de Évora ISBN: 978-972-99292-4-3

SLG 44 – Geolinguística sem fronteiras, juntando culturas

área específica do conhecimento humano”, ocupa-se das chamadas línguas de especialidade ou tecnoletos como menciona Alves (1998, p. 102). Mais recentemente, os estudos em Terminologia passaram a admitir que, sendo a língua reflexo da cultura, e considerando que o mundo não é ideal, com conceitos únicos e determinados, existem variações decorrentes do ambiente pragmático em que os termos ocorrem, ou seja, em condições de uso, admitindo, portanto, a existência de polissemia e diacronia. Ao longo dos anos 90 do século XX, um novo rumo orienta os estudos terminológicos, atualizando-os. Sager é um dos primeiros estudiosos a formular hipóteses e reconhecer a existência e uso de variantes léxico-terminológicas, contrapondo-se, assim, à afirmação teórica de univocidade de referência.

O primeiro autor a usar a designação de Socioterminologia para essa nova orientação de estudos foi Jean-Claude Boulanger, em artigo datado de 1981.

Também Auger defende essa nova orientação socioterminológica, mas é principalmente François Gaudin quem vai discutir e propor uma Terminologia voltada para o social, inicialmente com tese defendida sobre o assunto, de que resultou o livro “Pour une socioterminologie – des problèmes sémantiques aux pratiques institutionnelles”. O autor adota como definição do termo Socioterminologia, aquela proposta por Mario Barité, em dicionário eletrônico divulgado no ano 2000:

Socioterminologia. Rama de la Terminología que se ocupa del análisis de los términos (surgimiento, formación, consolidación e interrelaciones), considerándolos desde una perspectiva lingüística en la interacción social. //2. disciplina eminentemente práctica del trabajo terminológico, que se fundamenta en el análisis de las condiciones sociales y lingüísticas de circulación de los términos.(BARITÉ *apud* GAUDIN, 2003, p. 14).

Segundo Faulstich (1995), com essa iniciativa a Socioterminologia adquiriu fundamentos teóricos, podendo reivindicar a posição de disciplina e não apenas de

Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas

(Eds.) M^o João Marçalo & M^a Célia Lima-Hernandes, Elisa Esteves, M^o do Céu Fonseca, Olga Gonçalves, Ana Luísa Vilela, Ana Alexandra Silva © Copyright 2010 by Universidade de Évora ISBN: 978-972-99292-4-3

SLG 44 – Geolinguística sem fronteiras, juntando culturas

método de pesquisa e apresentar duas abordagens: (i) como prática do trabalho terminológico, quando deve levar em conta as condições de circulação dos termos no funcionamento da linguagem e (ii) como disciplina descritiva, em que o termo é considerado sob “a perspectiva linguística da interação social”.

A Socioterminologia, assim, ocupa-se “da *variação terminológica* tendo como princípio de sua pesquisa o registro e análise de *variantes terminológicas*, levando em consideração os contextos social, situacional, espacial e linguístico em que os termos circulam” (VASCONCELOS, 2003, p. 144).

Essa nova perspectiva dos estudos terminológicos, denominada Socioterminologia, é a que orienta este trabalho, uma vez que se propõe estudar as variações dos modos de designar peculiares a cada um dos espaços geográficos em que ocorrem as Festas do Divino, numa perspectiva diatópica.

Como mencionado anteriormente, para este trabalho foram selecionados termos que descrevem e identificam alguns dos personagens que compõem o Império e/ou desempenham funções que se relacionam com as etapas da festa. São justamente esses termos o objeto da análise que ora se propõe.

1 – FOLIA

AÇORES	BARCELOS, 2008	SIMÕES, 1987	MARANHÃO	ROCHA, 2008
FOLIA	Grupo de Foliões, que cantam e dançam nas festas do Espírito Santo.		FOLIA DO DIVINO	[...] no Brasil a Folia é bando precatório que pede esmolas para a festa do Divino; Grupo de Foliões, que cantam e dançam nas festas do Espírito Santo.
FOLIÃO	Homem que faz as <i>Folias</i> do Espírito Santo.			

Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas

(Eds.) M^a João Marçalo & M^a Célia Lima-Hernandes, Elisa Esteves, M^a do Céu Fonseca, Olga Gonçalves, Ana Luísa Vilela, Ana Alexandra Silva © Copyright 2010 by Universidade de Évora ISBN: 978-972-99292-4-3

SLG 44 – Geolinguística sem fronteiras, juntando culturas

FOLIÃ, FOLIANS,	Nome antigamente dado à freira que, junto com outras, fazia a Folia do Espírito Santo dentro do Convento [...]			
FOLIÔA			FOLIOA	Caixeiras, segundo fórmula de tratamento por elas utilizada para se autodesignarem.
FOLIÕES		Três ou quatro indivíduos que formam um conjunto – a Folia – e que funcionam como os “mestres de cerimônia” do culto do Espírito Santo. Dirigem a sequência da Função com loas adequadas a cada um dos seus momentos [...] Quanto aos instrumentos refira-se o tambor [...].		
			CAIXEIRA	Tocadora de caixa, que orienta a organização do ritual.
			CAIXEIRA-MOR;	Segunda caixeira, em grau de importância. : “[...] em Alcântara o maior cargo é o de caixeira-mor, e a segunda é que é a caixeira-régia.” (BARBOSA, 2006, p. 44)
MESTRE, CABEÇA DA FOLIA		[...] é quem puxa – inicia – a cantiga, cuja letra,	CAIXEIRA-RÉGIA	Caixeira mais importante, que conduz as outras caixeiras e também o

Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas

(Eds.) M^a João Marçalo & M^a Célia Lima-Hernandes, Elisa Esteves, M^a do Céu Fonseca, Olga Gonçalves, Ana Luísa Vilela, Ana Alexandra Silva © Copyright 2010 by Universidade de Évora ISBN: 978-972-99292-4-3

SLG 44 – Geolinguística sem fronteiras, juntando culturas

		geralmente improvisada, os restantes repetem, de dois em dois versos, num tom monótono [...].		ritual da festa.
FOLIAR	Andar a cantar e/ou a tocar nas <i>Folias</i> do Espírito Santo; dança que os foliões faziam dentro da casa de Espírito Santo em frente ao altar, após as <i>Alvoradas</i> .			
FOLIA DOS BEZERROS	Também chamada <i>Bezerrada</i> , é uma festa que se faz na sexta-feira – o chamado <i>dia do bezerro</i> –, em que se mata o gado, que chega enfeitado de fitas e flores, em cumprimento de promessa, recebido com a cantoria do <i>Pezinho dos bezerros</i> pelos tocadores de viola e os afamados repentistas.		SUBIDA DO BOI e MATUTAGEM ou MATANÇA	Brincadeira que consiste em acompanhar, em cortejo pelas ruas da cidade, os bois. Ritual de morte e esquartejamento do boi que será servido como alimento durante a festa; a sequência do ritual é definida pelos cânticos das caixeiros

Aspectos semelhantes, entre as festas nos Açores e no Maranhão, são as circunstâncias da condução do ritual da festa, por grupos de participantes que têm em comum algumas características: são conhecedores profundos do ritual, entoam cânticos orientadores das etapas da festa e acompanham esses cânticos com instrumentos musicais, predominantemente marcadores de ritmo.

Nos Açores esses participantes são designados pelo termo *folia*, um grupo de *foliões* que dançam e cantam nas festas do Espírito Santo – o termo designa ainda as

Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas

(Eds.) M^a João Marçalo & M^a Célia Lima-Hernandes, Elisa Esteves, M^a do Céu Fonseca, Olga Gonçalves, Ana Luísa Vilela, Ana Alexandra Silva © Copyright 2010 by Universidade de Évora ISBN: 978-972-99292-4-3

SLG 44 – Geolinguística sem fronteiras, juntando culturas

canções tocadas e cantadas pelos *Foliões* (cf. SIMÕES, 1987, p. 94) – sendo *foliãs* o termo que designa as participantes dos hoje raros *Impérios de Mulheres* (idem, p. 95). Referindo-se ao Mosteiro de S. João, na Horta, João Ilhéu (*Notas Etnográficas*) escreveu: *A coroação era organizada no interior do convento, [...] levando à frente as ‘Folians’, ao todo cinco, uma tocando tambor, outra levando a bandeira e mais três tocando pandeiro.* Gabriel de Almeida em *Fastos açorianos*, de 1889, refere que ainda em 1824 havia esta prática.” (BARCELOS, 2008)

Vale registrar a forma *folians* em texto de Silva Ribeiro, do século XVII, citado por Ernesto Veiga de Oliveira, em trabalho sobre instrumentos musicais açorianos:

E também na Horta, curiosamente, no convento de freiras de S. João, à frente do cortejo que dava a volta aos claustros e entrava na igreja, figuravam cinco “Folians”, uma com a bandeira, outra com o tambor e as demais com pandeiros”. (OLIVEIRA, 1986, p. 25).

O termo *foliões* designa três ou quatro indivíduos que formam um conjunto – a *folia* – e que funcionam como os “mestres de cerimônia” do culto do Espírito Santo (cf. SIMÕES, 1987), como aparece no seguinte trecho de um cântico dos Açores: “*Meu nobre Senhor,/ A carta está lida;/ Os nossos foliões/ Dão-na despedida*”. (São Jorge)/ (SIMÕES, 1987, p. 96).

O termo *folia* – e seus derivados – está associado, atualmente, no Maranhão, às brincadeiras carnavalescas, mas designava a atividade também conhecida como festa ou *barulhos do Espírito Santo* – bando precatório que percorria as ruas angariando donativos para as festividades,

constituído por duas ou três **caixeiras** – batedoras de caixas de rufo – uma menina levando numa salva de prata a coroa e uma pombinha do Divino, uma outra com uma bandeira vermelha e alguns acompanhantes ocasionais. O devoto, ao dar o óbulo, beija

Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas

(Eds.) M^a João Marçalo & M^a Célia Lima-Hernandes, Elisa Esteves, M^a do Céu Fonseca, Olga Gonçalves, Ana Luísa Vilela, Ana Alexandra Silva © Copyright 2010 by Universidade de Évora ISBN: 978-972-99292-4-3

SLG 44 – Geolinguística sem fronteiras, juntando culturas

respeitosamente a pombinha ou coloca a salva sobre a cabeça para que fique abençoado. (VIEIRA FILHO, 1974, p. 56).

Carlos de Lima refere-se à *folia do divino* como um grupo que saía para recolher esmolas, composto por

três caixeiras (tocadoras de tambor), três bandeiras (porta-bandeiras), um bandeiro, dois cidadãos de confiança, carregadores para o transporte das ofertas de toda espécie e que incluíam galinhas, perus, patos, cofos de farinha, etc. E ainda o “Vicente”, assim chamado o menino que recolhia as esmolas em dinheiro, quer fosse Pedro, Paulo ou Simão. (1988, p. 22).

Ainda hoje o termo *foliões* da Divindade designa os auxiliares ou caixeiros da festa do Divino, que atuam em ritos fúnebres, na região dos cocais. (GONÇALVES; OLIVEIRA, 2003, p. 179).

É assim com o sentido genérico de festa ou designando aqueles que fazem a festa que permanece o sentido de *folia* e de seus derivados, como se pode observar nos trechos de cânticos aqui apresentados, em que aparecem as variações *foliã* e *folioa* do termo *foliã*, para designar as caixeiras que são as responsáveis pelo bom andamento da festa, no Maranhão: “*Ó minha amiga foliã/ Preste bem atenção/ Se não me der o meu sangue/ Eu daqui não saio não*”. (BARBOSA, 2006, p. 57) e “*Minha amiga folioa/ Me diga que horas são/ Se já deu Ave Maria/ Eu quero tomar benção*” (PACHECO, GOUVEIA E ABREU, 2005, p.51).

Vale mencionar também a coincidência de funções entre as figuras do *mestre* ou *cabeça de folia* e da *caixeira-régia*, em São Luís, ou *caixeira-mor*, em Alcântara, como menciona Barbosa (2006, p.44): “[...] em Alcântara o maior cargo é o de caixeira-mor, e a segunda é que é a caixeira-régia.”.

Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas

(Eds.) M^a João Marçalo & M^a Célia Lima-Hernandes, Elisa Esteves, M^a do Céu Fonseca, Olga Gonçalves, Ana Luísa Vilela, Ana Alexandra Silva © Copyright 2010 by Universidade de Évora ISBN: 978-972-99292-4-3

SLG 44 – Geolinguística sem fronteiras, juntando culturas

Outro ponto comum é a presença da dança ritual. Barcelos (2008, p. 280)

comenta que:

na Terceira, antigamente os Foliões também chegaram a ser pagos pelas Câmaras Municipais e tinham, além de anunciar, orientar e dirigir todas as cerimônias inerentes à festividade do Espírito Santo, a missão de acompanhar várias procissões, nomeadamente a de Corpus Christi, bailarem na capela-mor das igrejas durante a coroação dos imperadores e tomarem parte em outros folguedos profanos.

No Maranhão, além da dança ritual acompanhada pelo ressoar das caixas e que obedece a preceitos rígidos, registra-se ainda o *carimbó das caixeiras* (ou *carimbó de velho* ou *de velhas*), momento de descontração depois de cumprida a missão da festa, assim descrito por Dona Celeste da Casa das Minas: “[...] Carimbó de Velho, é cantando cantigas de Carimbó e elas /as caixeiras/ dançando, se requebrando, uma dando punha na outra [...]”.

No que diz respeito à *Folia dos Bezerros* açoriana, o ritual equivale a dois momentos da festa maranhense, designados por *Subida do Boi* e *Matutagem* ou *Matança*. Lima refere-se ao primeiro momento da seguinte forma: “Na sexta-feira à tarde, percorre as ruas um boi brabo, com os chifres enfeitados de flores e ramagens, sustido por cordas e rapazes fortes” (LIMA, 1988, p. 32).

2 – MORDOMO

AÇORES	BARCELOS, 2008	SIMÕES, 1987	MARANHÃO	ROCHA, 2008
MORDOMO/ ANDADOR/ PASSEADOR	[...] um dos irmãos escolhidos ou eleitos para realizarem as festas (Bodos) nos domingos de Pentecostes e santíssima Trindade	Os <i>irmãos</i> aos quais, por sorteio, saiu algum dos cargos a desempenhar nas festas do ano seguinte	MORDOMO/A (Membro da corte imperial, o primeiro, em ordem de importância, depois do imperador.
			MORDOMO/A- BAIXO	Em Alcântara, o Mordomo-Baixo é o segundo mordomo em

Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas

(Eds.) M^o João Marçalo & M^a Célia Lima-Hernandes, Elisa Esteves, M^a do Céu Fonseca, Olga Gonçalves, Ana Luísa Vilela, Ana Alexandra Silva © Copyright 2010 by Universidade de Évora ISBN: 978-972-99292-4-3

SLG 44 – Geolinguística sem fronteiras, juntando culturas

				ordem de importância, depois do Mordomo-Régio.
			MORDOMO/A-CELESTE; MORDOMO/A-REAL; MORDOMO/A DE LINHA	Cada casa propõe variações como: Mordomos de Linha, Celestes, Reais e muitas outras, o que determina a duração do caminho que as crianças percorrerão para chegar a imperador.
			MORDOMO/A-MOR	Segundo/a Mordomo/a em ordem de importância, depois do Mordomo-Régio.
			MORDOMO/A-RÉGIO	Membro da corte imperial mais importante, depois do imperador.
			MORDOMO/A-RÉGIO/A DO TRONO	Criança que representa o Imperador escolhido, no ritual
			PRIMEIRO/A-MOR	Primeira etapa da preparação das crianças para serem Imperadores
			SEGUNDA-MOR	Mordoma em sua segunda participação na festa, na Casa das Minas.
			TERCEIRA MOR	Mordoma no primeiro ano de participação na festa, na Casa das Minas.
ANDADOR/ PASSEADOR (São Jorge)	Mancebo que, nas festas do Espírito Santo, anda a	o m. q. <i>Cavaleiros</i> ou <i>Passeiadores</i>		

Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas

(Eds.) M^a João Marçalo & M^a Célia Lima-Hernandes, Elisa Esteves, M^a do Céu Fonseca, Olga Gonçalves, Ana Luísa Vilela, Ana Alexandra Silva © Copyright 2010 by Universidade de Évora ISBN: 978-972-99292-4-3

SLG 44 – Geolinguística sem fronteiras, juntando culturas

	distribuir pratos de doce pelos presentes.			
BRIADOR BEREADOR, VEREADORES	[...]um dos Ajudantes do Imperador, nas festas do Espírito Santo, em Santa Maria. Segundo João Leal será provavelmente corruptela de <i>vereador</i>	Os <i>briadores</i> , <i>bereadores</i> ou <i>vereadores</i> , em número de três são os elementos do <i>pessoal do Império</i> que, precedidos pela <i>folia</i> , acompanham o <i>Império</i> na mudança para a <i>copeira</i> , na <i>coroação</i> , na condução das ofertas para o <i>teatro</i> e na distribuição das <i>pensões</i> e <i>serviços</i> aos irmãos.		
MESTRE-SALA, MESTRE-SÁ	[...]ajudante do imperador nas festas do Espírito Santo. Que tem a função de dirigir o cortejo que procede o transporte dos <i>pães de mesa</i> e das <i>roscas</i> para o <i>teatro</i> . Dos três, é um dos <i>Briadores</i> , aquele que tem sob suas ordens os outros dois. (Santa Maria)	chama-se ao dignitário do Império que, sempre precedido da <i>Folia</i> , acompanha o cortejo e a <i>coroação</i> e leva as oferendas ao teatro e as pensões e serviços aos irmãos. [...]o primeiro em dignidade dos três <i>briadores</i> , tem os dois restantes sob suas ordens.	MESTRE-SALA, MESTRE-SALA-MOR	Adulto responsável pelo cumprimento das orientações das caixeiros; Em Alcântara, as escolhas do Império são feitas e anunciadas pelo Mestre-Sala, que é denominado Mestre-Sala-Mor.
CAVALEIRO	[...]nome que em São Jorge também se dá ao <i>Mordomo</i> do Espírito Santo. Designação genérica do <i>Cavaleiro</i> e do <i>Ajudante</i> , nas Festas do Espírito Santo. O mesmo que Andador e Passeador (em São Jorge)	Aquele que, nos domingos de Pentecostes e da Trindade, conduz a <i>bandeira</i> e, acompanhado dos <i>ajudantes</i> , serve o <i>Império</i> . Nas restantes <i>domingas</i> , o <i>cavaleiro</i> conduz a <i>bandeira</i> e serve o <i>jantar</i> . <i>Mordomo do jantar</i> .		
AJUDANTE	Coadjuvante do Imperador nas festas do Espírito Santo (em Santa Maria); cada um dos dois indivíduos que,	“Os indivíduos (dois) que, colocados um a cada lado do cavaleiro o acompanham nos		

Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas

(Eds.) M^a João Marçalo & M^a Célia Lima-Hernandes, Elisa Esteves, M^a do Céu Fonseca, Olga Gonçalves, Ana Luísa Vilela, Ana Alexandra Silva © Copyright 2010 by Universidade de Évora ISBN: 978-972-99292-4-3

SLG 44 – Geolinguística sem fronteiras, juntando culturas

	situados uma a cada lado do Cavaleiro, o acompanha nos Domingos de Pentecostes e da Santíssima Trindade no serviço do Império (São Jorge)	domingos de Pentecostes e da Santíssima Trindade, coadjuvando no serviço do Império (São Jorge)		
			FESTEIRO	Participante responsável pela festa.

Apesar da coincidência do termo e da importância das funções por eles exercidas, o que se pode observar, na festa no Maranhão – São Luís e Alcântara – é que os mordomos têm uma função muito mais figurativa do que participativa, o que explica serem representados em geral por crianças. Assim, é antes o *festeiro* quem, no Maranhão, tem a mesma participação ativa que o *mordomo* açoriano. Vale ressaltar ainda que no Maranhão há casais de mordomos, diferentemente do que acontece nos Açores em que as funções são essencialmente exercidas por homens.

Outro aspecto curioso é a multiplicidade de termos que equivalem a *mordomo*, se estabelecidas as conexões de sentido em cada ilha: *mordomo* equivale a *andador* e a *passador*; *briador* (ou *bereador*, ou *vereadores*) tem as mesmas funções do *mestre-sala* ou *mestre-sá*, um dos *briadores*, que são as de *ajudante*, também designado como *cavaleiro* ou *mordomo* (os mesmos *andador* e *passador*, na ilha de São Jorge). A circularidade dos significados transforma os termos em equivalentes.

No Maranhão, em vez de multiplicidade de termos, há uma multiplicação de *mordomos*, que busca atender a demanda dos interessados em exercer essa função. Além disso, há um longo caminho a percorrer para se chegar a ser Imperador, como explica Dona Celeste da Casa das Minas: “A preparação das crianças para chegar a

Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas

(Eds.) M^a João Marçalo & M^a Célia Lima-Hernandes, Elisa Esteves, M^a do Céu Fonseca, Olga Gonçalves, Ana Luísa Vilela, Ana Alexandra Silva © Copyright 2010 by Universidade de Évora ISBN: 978-972-99292-4-3

SLG 44 – Geolinguística sem fronteiras, juntando culturas

ser Império, são cinco anos, quer dizer, ela primeiro começa pela terceira, Terceira-Mor, no outro ano ela é Segunda-Mor, no terceiro ano ela é Primeira-Mor [...]”.

Embora seja verificada coincidência em alguns termos, as funções não são equivalentes, ou seja, não há uma coincidência exata de significados. Vale comentar o caso de *mestre-sala* ou *mestre-sá*, nos Açores e *mestre-sala* ou *mestre-sala-mor*, no Maranhão, que têm em comum o fato de comandarem os outros briadores ou as caixeiras, mas que se diferenciam por seu status no Império. Nos Açores, estão entre os membros escolhidos por sorteio, enquanto que no Maranhão trata-se de um colaborador cuja experiência o credencia para a função. Nos Açores têm lugar privilegiado nos cortejos e

Têm como insígnia uma vara de madeira pintada de vermelho, de dois metros de comprimento, encimada por um tufo de flores naturais das quais caem fitas de cores variadas. Aos ombros levam um colorido lenço de seda com ramagens e flores (Santa Maria). (SIMÕES, 1987, p. 43)

3 – IMPERADOR

AÇORES	BARCELOS, 2008	SIMÕES, 1987	MARANHÃO	ROCHA, 2008
IMPERADOR	Aquele que <i>coroa</i> (é <i>coroadado</i>) na <i>dominga</i> que lhe está destinada pelo sorteio do, ano anterior	Aquele que <i>coroa</i> (é <i>coroadado</i>) nas <i>domingas</i> do Espírito Santo, e que promove as festas na <i>dominga</i> que lhe coube em sorte. É a mais alta dignidade na hierarquia do Império	IMPERADOR, REIS	Principal representante masculino do Império do Divino, responsável pelas despesas da festa; o Imperador pode ser designado por REIS em algumas casas de culto.
			IMPERADOR DO TRONO	Imperador, geralmente uma criança, que pode representar o Imperador-Festeiro, e ocupar

Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas

(Eds.) M^a João Marçalo & M^a Célia Lima-Hernandes, Elisa Esteves, M^a do Céu Fonseca, Olga Gonçalves, Ana Luísa Vilela, Ana Alexandra Silva © Copyright 2010 by Universidade de Évora ISBN: 978-972-99292-4-3

SLG 44 – Geolinguística sem fronteiras, juntando culturas

				o espaço da tribuna.
			IMPERADOR-FESTEIRO	Imperador, geralmente um adulto, designado para a festa e que pode ser representado pelo Imperador do Trono.
IMPERATRIZ, (ou IMPENATRIZ, IMPANATRIZ, IMPARATRIZ, segundo Simões, 1987)	Esposa do Imperador	A mulher do Imperador, à qual cumpre receber os convidados, fazendo as honras da casa, e acompanhar o Imperador no cortejo, na Coroação e os demais actos das festividades	IMPERATRIZ	Principal representante feminino do Império, responsável por parte das despesas da festa.
IMPÉRIO OU TEATRO, TRIATO, TRIATRO ALPENDRE CASA/CASINHA DO ESPÍRITO SANTO CADAFALSO	1-Comum a todas as ilhas, actualmente é um pequeno edifício, com arquitectura distinta, em torno do qual se realizam as actividades do culto do Espírito Santo; 2-As festividades do Espírito Santo; 3-As Irmandades do Espírito Santo	1-Festividades do Espírito Santo em cada uma das sete <i>domingas</i> . 2- Nas ilhas das Flores e do Corvo, o termo Império designa também as <i>irmandades</i> ; 3- [...] significa hoje também a pequena construção de alvenaria, ou de madeira, onde se realiza parte das cerimônias [...]	IMPÉRIO	Designação dada ao conjunto dos membros da corte, composto pelo Imperador e/ou Imperatriz, Mordomos e Mordomas.

Algumas considerações merecem destaque no que diz respeito aos termos relacionados a *imperador*. Inicialmente, a designação equivalente de *reis*, no plural, para um único indivíduo, utilizada em alguns terreiros para substituir *imperador*, ou designar outro personagem na mesma festa, foi também registrada por Meyer (1986),

Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas

(Eds.) M^a João Marçalo & M^a Célia Lima-Hernandes, Elisa Esteves, M^a do Céu Fonseca, Olga Gonçalves, Ana Luísa Vilela, Ana Alexandra Silva © Copyright 2010 by Universidade de Évora ISBN: 978-972-99292-4-3

SLG 44 – Geolinguística sem fronteiras, juntando culturas

em outra manifestação cultural, referindo-se a Carlos Magno, imperador francês, *reis* do Congo.

No que diz respeito a *imperatriz*, termo com variantes registradas por Simões (1987), o termo, embora idêntico, designa funções diferentes. Nos Açores, a Imperatriz é mera coadjuvante, quando se trata de *imperador* casado; no Maranhão, não há uma relação necessária entre eles e, em Alcântara, a *imperatriz* tem as mesmas funções do *imperador*, alternando-se o comando da festa a cada ano entre um *imperador* e uma *imperatriz*.

Por último, o termo *império*, com significações diferentes nas duas regiões, designando, nos Açores, prioritariamente um tipo de construção, utilizada exclusivamente para a festa, quando pode ser designada também por *teatro*, *triato* ou *triatro*, *alpendre*, *casa* ou *casinha de Espírito Santo* e *cadafalso*, com variações pouco significativas quanto ao sentido. Na acepção de irmandade pode ter variações relacionadas com o tipo de participantes que a compõem - Império da Caridade, Império de Defunto ou Império de Herdeiros, Império de São João, Império dos Nobres, Império dos Velhacos, Império das Crianças, Império de Mulheres.

No Maranhão designa o conjunto dos membros da corte imperial. Observe-se que o termo no plural designa a corte imperial e o conjunto dos seus componentes, como em “*deixa os impérios passar*” (PACHECO, GOUVEIA, ABREU, 2005, p.54), que se refere a um imperador e sua corte; a designação de *império* pode ser usada como sinônimo de *imperador*, como se vê no depoimento de Dona Celeste, que oferece o cargo de juiz ao antigo imperador porque “*ele já não tem mais aquela capacidade de ser um Império*”. (MARANHÃO, 1997, p. 124).

Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas

(Eds.) M^a João Marçalo & M^a Célia Lima-Hernandes, Elisa Esteves, M^a do Céu Fonseca, Olga Gonçalves, Ana Luísa Vilela, Ana Alexandra Silva © Copyright 2010 by Universidade de Évora ISBN: 978-972-99292-4-3

SLG 44 – Geolinguística sem fronteiras, juntando culturas

Carlos de Lima (1988, p.27) explica: “*O Imperador-Festeiro é representado pelo ‘Imperador do Trono’(geralmente seu filho, neto ou aparentado), um menino fardado de branco, com alamares, ou botões, dourados, manto vermelho e coroa*”.

Como se afirmou anteriormente, a pesquisa encontra-se em estágio inicial, mas com os resultados preliminares aqui apresentados procurou-se demonstrar que o estudo comparativo da Terminologia da Festa do Divino pode revelar aproximações entre a língua/gem falada nos Açores e no Maranhão, revelando marcante permanência de formas, mas variações de sentido e de uso, o que revela evoluções diferenciadas, caminhos diversos a partir de uma mesma origem, numa clara evidência da riqueza que a cultura popular pode apresentar. Finalmente, deixa-se às caixas do Divino a última palavra:

*O Divino se despede
Nesta hora de alegria
Se despede e vai deixando
Esta rica companhia.*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, I.M. Questões epistemológicas e metodológicas em Terminologia. In: CARVALHO, N. M. de; SILVA, M. E. B. (Orgs.) Lexicologia, lexicografia e Terminologia: questões conexas. ENCONTRO NACIONAL DO GT DE LEXICOLOGIA, LEXICOGRAFIA E TERMINOLOGIA DA ANPOLL, I, 1998, Recife. **Anais...**, Recife: UFPE, 1998, p. 95-106.

BARBOSA, Marise. **Um as mulheres que dão no couro**. São Paulo: Empório de Produções & Comunicação, 2006.

BARCELOS, J. M. S. de. **Dicionário de falares dos Açores**: vocabulário regional de todas as ilhas. Coimbra: Almedina, 2008.

BARITÉ, M. **Diccionario de organización y representación del conocimiento**: clasificación, indización, terminología. Uruguay: Universidad de la republica Oriental del Uruguay, 2000. Disponível em: <<http://www.eubca.edu.uy/diccionario/diccion.htm>>. Acesso em 15 ago. 2008.

Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas

(Eds.) M^a João Marçalo & M^a Célia Lima-Hernandes, Elisa Esteves, M^a do Céu Fonseca, Olga Gonçalves, Ana Luísa Vilela, Ana Alexandra Silva © Copyright 2010 by Universidade de Évora ISBN: 978-972-99292-4-3

SLG 44 – Geolinguística sem fronteiras, juntando culturas

CÂMARA JUNIOR, Joaquim Mattoso. Língua e cultura. In: _____. **Dispersos**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2004.

FAULSTICH, Enilde. Socioterminologia: mais que um método de pesquisa, uma disciplina. **Ciência da Informação**, v. 24, n. 3, 1995.

FERRETTI, Sérgio Figueiredo. **Querebentan de Zomadonu**: etnografia da Casa das Minas. São Luís: EDUFMA, 1985.

GONÇALVES, Jandir; OLIVEIRA, Lenir. Os foliões da Divindade no cemitério dos Caldeirões. In: **Olhares, memória e reflexões sobre a gente do Maranhão**. São Luís: Comissão Maranhense de Folclore, 2003.

LEAL, João. **As festas do Espírito Santo nos Açores**: um estudo de antropologia social. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1994.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Antropologia estrutural**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.

LIMA, Carlos de. **Festa do Divino Espírito Santo em Alcântara (Maranhão)**. Brasília: Fundação Nacional Pró-Memória/grupo de trabalho de Alcântara, 1988.

MARANHÃO (Estado). Secretaria de Estado da cultura. Centro de cultura popular Domingos Vieira Filho. **Memória de velhos. depoimentos**: uma contribuição à memória oral da cultura popular maranhense. vol I. São Luís: Lithograf, 1997.

MENDES, Hélder Fonseca. **Do Espírito Santo à Trindade**: um programa social de cristianismo inculturado. Porto: Universidade Católica Portuguesa, 2006.

MEYER, M. **Tem mouro na costa; ou, Carlos Magno, reis (sic.) do Congo**. São Paulo, 1986. Datilografado.

OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri. Apresentação. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri (Orgs.). **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia, Terminologia. 2. ed. Campo Grande: UFMS, 2001, p.9-11.

OLIVEIRA, Ernesto Veiga. **Instrumentos musicais populares dos Açores**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1986.

ROCHA, Maria de Fátima Sopas. **Dos Açores a São Luís e Alcântara**: a língua/gem do Divino. 2007. Aceito para publicação.

_____. **A festa do Divino Espírito Santo no Maranhão**: uma proposta de glossário. 2008. 163f. Dissertação. (Mestrado em Linguística). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2008.

Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas

(Eds.) M^a João Marçalo & M^a Célia Lima-Hernandes, Elisa Esteves, M^a do Céu Fonseca, Olga Gonçalves, Ana Luísa Vilela, Ana Alexandra Silva © Copyright 2010 by Universidade de Évora ISBN: 978-972-99292-4-3

SLG 44 – Geolinguística sem fronteiras, juntando culturas

PACHECO, Gustavo; GOUVEIA, Cláudia; ABREU, Maria Clara. **Caixeiros do Divino Espírito Santo de São Luís do Maranhão**. Rio de Janeiro: Associação Cultural Caburé, 2005, p. 50.

SIMÕES, Manuel Breda. **Roteiro lexical do culto e das festas do Espírito Santo nos Açores**. Lisboa: ICALP, 1987.

VASCONCELOS, Alessandra. Glossário da Terminologia do caranguejo: uma perspectiva socioterminológica. In: RAZKY, Abdelhak. (Org.) **Estudos geosociolingüísticos no Estado do Pará**. Belém, 2003, p. 143-154.

VIEIRA FILHO, Domingos. Folclore do Maranhão. In: **Revista maranhense de cultura**. São Luís, n.1, p. 45-62, jan./jun.1974.

VILELA, Mário. **Estudos de lexicologia do português**. Coimbra: Almedina, 1994.

_____. **Metáforas do nosso tempo**. Coimbra: Almedina, 2002.